

PRÉ-VESTIBULAR P/ NEGROS E CARENTES

Disciplina de Cultura e Cidadania

Síntese da Palestra sobre TEORIAS RACISTAS COMO FONTES HISTÓRICAS P/ A EXPLICAÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR*

O tema abordado pela educadora, refere-se as várias explicações existentes sobre o fracasso escolar das crianças que freqüentam a Escola Pública de 1º Grau no Brasil. Crianças essas que, como é de nosso conhecimento, são as crianças pertencentes as classes populares. Pelo menos está a realidade da Escola Pública, com raras exceções.

A pobreza não é um fato natural. A pobreza é reproduzida socialmente, economicamente e historicamente.

Nós sabemos que num país como o Brasil, o problema da escolarização do povo, da escola para o povo, vai muito mal. Somos sabedores de que temos mais de 32 milhões de analfabetos e nós temos um a estatística recente, que nos deixa muito assustados: ou seja + de 2/3 das crianças brasileiras em idade escolar primária, não se beneficiam da escola. Não se beneficiam por três condições:

- 1º) As crianças em idade escolar que nunca estiveram na escola;
- 2º) Aquelas que tiveram acesso, mas que não terminaram o 1º grau, ou antes de completarem o 1º ciclo; ou seja, crianças que já estiveram e saíram, as quais formam um contingente dos chamados “evasores”;
- 3º) Crianças que ainda estão na escola. São crianças que estão na escola, mas que não são ensinadas. Do ponto de vista dos conteúdos pedagógicos.

Existe uma explicação clássica, tradicional. *Quando uma criança começa a não render na escola da maneira como os professores esperam que ela renda, imediatamente se responsabiliza a criança ou a sua família.* (Vide depoimento de uma professora da década de 30).

Apesar desde quadro caótico, a pesquisa sobre o FRACASSO ESCOLAR mudou de enfoque nos últimos anos. (A exemplo da pesquisa de Sérgio Costa Ribeiro). Essas pesquisas o têm mostrado que *a escola é uma mentira geral salvo poucas exceções, é uma instituição carregada de agressividade e hostilidade contra as crianças pobres, contra as crianças negras e mestiças.*

Existe uma guerra declarada ou surda as vezes, entre os educadores e “usuários” das escolas públicas de 1º Grau. Guerra tanto maior quanto mais as escolas estejam localizadas em regiões de maior pobreza.

A pobreza e a negritude ainda estão muito superpostas, por motivos óbvios, e é esta visão da clientela que orienta a prática dos professores. (Dепоimento de uma professora na década de 80).

O que acontece na prática, é que as relações de poder entre educadores de um lado e usuários da Escola Pública de outro, são relações de poder muito desiguais. a afirmação que se faz atualmente, é a seguinte; *a escola, tal como está organizada é um antro de exclusão.*

Crianças que já mal tratadas pela vida lá fora, pela sociedade, não encontram acolhida e respeito dentro da escola. *A nossa luta atualmente é no sentido de transformar a escola num lugar de acolhimento e convivência democrática..*

Há outro componente bastante nocivo, usado pelos psicólogos, professores e laudos psicológicos, os quais taxam de incompetentes, incapazes as crianças com dificuldades de aprendizagem, atribuindo a culpa à “familias desajustadas” (não são as famílias margarina...) e sobretudo pobres. São relações que estão sendo consideradas arbitrárias, gratuitas e sem nenhum fundamento científico. As crianças que passam por estas situações, têm sua auto-imagem negativa. Então é preciso um trabalho de reconquista da auto imagem dessa criança que já assimilaram a idéia de que são “débeis”, “incompetentes” e “diferentes” .

* PATTO, Maria Helena Souza de. Fontes Históricas, como explicação para as teorias racistas; USP - SÃO PAULO - SP, 1995. Mimeo.

O que significa, que o preconceito social e racial é um poderoso estruturante das práticas e dos processos que acontecem nas escolas que atendem a clientela mais pobre das grandes cidades. Fica evidente, que um discurso científico que administra e neutraliza o FRACASSO ESCOLAR aos olhos de todos os envolvidos no processo. Um discurso científico que remete a questão do fracasso escolar para o indivíduo e portanto, despolitiza esse fenômeno, despolitiza porque este problema é uma questão acima de tudo política. Não é uma questão psicológica.

A origem das TEORIAS RACIAIS do RACISMO CIENTÍFICO, no Brasil aconteceu no começo do 2º Império. Essas teorias européias, o DARWINISMO SOCIAL (1871, "A origem das Espécies"), ou seja, teorias estas que se baseiam numa visão biologizante do homem, afirmam que existem várias raças e que elas são diferentes no ponto de vista de sua capacidade. As raças brancas, arianas, puras, são as mais inteligentes; os negros, entre todos os grupos étnicos, são os menos capazes, os menos inteligentes e os maiores portadores de taras e degenerações.(Schwarcz, 1980).¹²

Maria Helena, não vê a chegada dessas teorias como um discurso ideológico domesticador, mas sim, na base da força da coerção, sobretudo na questão da escravidão, a sujeição era conseguida pela força e não pela ideologia. A pesquisadora depara-se com THEODOR ADORNO, um dos fundadores da Escola de Frankfurt, onde o mesmo afirmava; “Onde regem relações simples e imediatas de poder, não existem ideologias num sentido estrito”. Não é necessário um discurso que justifique as desigualdades. A desigualdade existe, e quem não concordar com ela, se rebelar, existem todas as formas de violência a disposição da classe dominante. E aí nasce o começo do uso das teorias raciais, do chamado racismo científico para fins de domesticação das classes subalternas; na 1ª República (1889-30). Aliás, está é a época área do racismo científico no Brasil.

É nessa época que os médicos, os Sanitaristas, os Intelectuais, os homens de letras se encarregam de pensar saídas para a Nação.

A esse discurso que produz como aparelho repressivo, um procedimento que em seu trabalho a autora denomina de “deslizamento semântico”, e que produz uma metódica e profunda desqualificação dos pobres, negros e mestiços, de presença duradoura na cultura brasileira.

“A servidão empilha os servos ao mesmo tempo que cria soberbos. Senhores apartados, produz desconhecidos em toda a parte e em todas as instâncias: Públicas e caseiras, a servidão produz desconhecidos”.

“A desigualdade não pode nunca dispensar os homens para se manter, a desigualdade não poderá dispensá-los para que a desigualdade seja neutralizada”. (José Moura G. Filho)

SUGESTÕES DE LEITURA:

Raça, Ciência e Sociedade/Organizado por Marcos Chor Maio, Ricardo Ventura Santos, - Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996. Editora Fiocruz - RJ

BAIRROS, L.; et al. 1992. Negros e brancos num mercado de trabalho em mudança. *Ciências Sociais Hoje* 1992, Rio de Janeiro, Anpocs.

BARCELOS, L. C.; 1992. *Raças e Realização Educacional no Brasil* Tese de Mestrado, Rio de Janeiro Iuperj.

HASENBALG, C. A. & SILVA, N. V., 1990. Raça e o oportunidades educacionais no Brasil. *Estudos Afro- Asiáticos*, 18.

Colaboração - José Carlos R. Esteves (PEDAGOGO)

¹ - SCHWARCZ, Lilian Moritz. *O Espetáculo das Raças*. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870 - 1930). SP, Cia das Letras, 1995. MIMEO